

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA-LICENCIATURA

Gabriele da Fonseca Basso de Castro

**E QUEM JÁ NÃO VIVEU ALGUMA COISA QUE APARECE AÍ? DA FICÇÃO À
REALIDADE: AS POTENCIALIDADES DO CINEMA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS
E ADULTOS**

Porto Alegre

2015

Gabriele da Fonseca Basso de Castro

**E QUEM JÁ NÃO VIVEU ALGUMA COISA QUE APARECE AÍ? DA FICÇÃO À
REALIDADE: AS POTENCIALIDADES DO CINEMA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS
E ADULTOS**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia-Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosa Maria Bueno Fischer.

Porto Alegre

2015

AGRADECIMENTOS

Durante todas as etapas e transições em minha vida, o que mais me motivou foram os desafios impostos. Por vezes tais desafios passaram com leveza; por vezes me vi ao limite para poder ultrapassá-los. No entanto, todos esses momentos foram suavizados com as mãos estendidas e o apoio gentil, preocupado e companheiro de AMIGOS.

Agradeço primeiramente a Deus pela saúde e por me dar a chance de poder estar concluindo este trabalho;

Agradeço a minha Orientadora Prof.^a Dr.^a Rosa Maria Bueno Fischer, por ter aceitado o convite e ter “iluminado” minhas ideias. Agradeço pela disponibilidade, paciência, pelos e-mails, conselhos, orientações e exemplos na elaboração deste TCC.

Agradeço as professoras Roseli Ines Hickmann, Maria Bernadete Castro Rodrigues e Denise Comerlato pelas aprendizagens durante esse processo de formação. Aprendizagens estas que não se limitaram aos corredores da Universidade.

Às minhas colegas de graduação, Fabiane Castilho, Évelin Assis, Karine Freitas, Bruna Meneghetti, Valery Yefinczuk e Andressa Borges, por compartilharem essa caminhada ao meu lado com carinho, parceria e amizade.

À escola Vereador Antônio Giudice por compartilhar suas lutas e pela oportunidade da realização do estágio obrigatório, que resultou na produção deste trabalho.

Agradeço também a Equipe diretiva da Escola Fundamental La Salle Sapucaia na qual faço parte há três anos. Em especial a Rosilene Nogueira, Ir. Clóvis Trezzi, Laline Batista, Silvane Biazus e Josiele Vargas. Agradeço o apoio e incentivo todos os dias, a mão estendida e o exemplo de grandes profissionais.

Agradeço a minha família por me apoiar, me incentivar, confiar e andar sempre ao meu lado.

Ao meu pai, a Geni, minhas irmãs Eduarda e Lays por me incentivarem sempre pelo caminho da Pedagogia.

Agradeço a minha irmã Caroline e meu cunhado Helder pelos cuidados quando estou doente e por sempre me ouvirem.

Agradeço infinitamente minha mãe, que sempre esteve ao meu lado e foi meu maior exemplo. Agradeço a disponibilidade, a atenção, o carinho e a preocupação.

Obrigada Marcelo, pela paciência durante todo esse tempo. Obrigada por abdicar de suas vontades para fazer as minhas, para realizar meus sonhos e sempre acreditar. Agradeço pelo carinho, pela amizade e por caminhar sempre ao meu lado.

Em especial, não poderia deixar de agradecer os alunos da EJA, por me mostrar que os desafios que eu aceitava eram poucos, e que posso ultrapassar cada vez mais meus limites.

RESUMO

O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso é apontar como o entrelaçamento entre cinema e educação pode ser possível na Educação de Jovens e Adultos (EJA), de modo a proporcionar ao aluno aprendizagens significativas. No referido trabalho, penso no uso de filmes para além de um ensino focado somente no currículo das áreas do conhecimento: a ideia é oferecer contribuições para a utilização do cinema como fruição e experiência crítica vinculadas ao cotidiano dos alunos, promovendo assim um espaço formativo, ético e estético sobre si mesmo. Apoiando-me em referenciais teóricos que tratam sobre memória, imagem e conhecimento, realizei três encontros com uma turma de Educação de Jovens e Adultos. A proposta metodológica consistiu basicamente em ações que envolvem a fruição, apreciação e discussão de filmes – no caso, as obras *Faroeste Caboclo* (2013) e *O Contador de Histórias* (2009). Após a coleta de dados e transcrição das falas dos alunos, concluo que o uso de filmes na sala de aula pode promover um espaço de reconhecimento para os estudantes, no sentido de eles realizarem uma operação sobre si mesmos – reinventando-se, pensando sobre suas vidas e encontrando formas de transformação de si.

Palavras- chave: Memória. Cinema e Educação. EJA.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Transcrição de diálogos.....	24
Quadro 2 - Transcrição de diálogos.....	25
Quadro 3 - Transcrição de diálogos.....	26
Quadro 4 - Transcrição de diálogos.....	27
Quadro 5 - Transcrição de diálogos.....	28
Quadro 6 - Transcrição de diálogos.....	29
Quadro 7 - Transcrição de diálogos.....	30
Quadro 8 - Transcrição de diálogos.....	31
Quadro 9 - Transcrição de diálogos.....	32
Quadro 10 - Transcrição de diálogos.....	33
Quadro 11 - Transcrição de diálogos.....	34

SUMÁRIO

1	ESCREVENDO UMA HISTÓRIA	7
2	CONSTITUINDO A CENA	9
2.2	ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS: POSSIBILIDADES DE RECONHECIMENTO ...	12
2.3	DE ONDE VEM ESSA MEMÓRIA?	14
2.4	IMAGEM E LEMBRANÇAS.....	16
3	AO PENSAR AS CENAS	19
3.1	ESCOLHENDO OS FILMES	20
3.1.1	O Contador de Histórias	21
3.1.2	Faroeste Caboclo	21
4	ENTRANDO EM AÇÃO	23
4.1	CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS: MEMÓRIA, RECONHECIMENTO, GÊNERO, PRECONCEITO.....	24
5	CHEGANDO AO FIM DAS CENAS	35
	REFERÊNCIAS	37

1 ESCREVENDO UMA HISTÓRIA...

Para mim, o cinema que “educa” é o cinema que faz pensar, não só o cinema, mas as mais variadas experiências e questões que coloca em foco. Ou seja, a questão não é “passar conteúdos”, mas provocar a reflexão, questionar o que, sendo um constructo que tem história, é tomado como natureza, dado inquestionável. (XAVIER, 2008, p. 15).

Pensar as relações entre cinema e educação significa tratar do dialogismo das imagens e narrativas, para um processo de construção de reflexão das experiências vivenciadas. O cinema, para o estudioso Ismail Xavier (2008), deve mobilizar, provocar, transformar.

Frente às ideias do autor, traço como objetivo desse trabalho apontar como o entrelaçamento entre cinema e educação pode ser possível na Educação de Jovens e Adultos, de modo a proporcionar ao aluno aprendizagens significativas. Dessa maneira, penso no uso de filmes para além de um trabalho que esteja focado no ensino de habilidades e competências ligadas às áreas do conhecimento: penso oferecer contribuições para a utilização do cinema como uma proposta de reflexão e análise crítica, promovendo assim um espaço formativo, no sentido de uma formação ética e estética dos alunos. Além disso, entendo que a experiência com o cinema tenha efeitos também sobre a própria operação com a memória e o reconhecimento social de si mesmo.

O presente trabalho foi motivado pelas experiências vivenciadas no estágio curricular obrigatório do curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, durante os meses de março a junho de 2015; o estágio foi realizado em uma escola municipal de Porto Alegre, mais precisamente em uma turma de Totalidade 1 e 2, equivalente aos primeiros anos do Ensino Fundamental. Na realização daquela prática docente, percebi que os alunos sentiam necessidade de se expressar, de contar sobre suas trajetórias de vida, suas angústias, indignações, falar sobre sua vida e trocar experiências. A partir de aulas expositivas e da saída pedagógica a um espaço cultural (uma sala de cinema), percebi o quanto foram significativas as observações dos alunos diante de um filme: eles realizaram análises, comparando suas histórias de vida com as cenas vividas pelos personagens, reviveram intensamente suas experiências nas cenas que ali estavam sendo mostradas.

Assim, o estágio me motivou e me impulsionou a escolher o tema para o presente trabalho de TCC. Durante os debates, reflexões e discussões com os alunos, pude conhecer um pouco da realidade daquela turma; mas também pude perceber e sentir quais eram suas necessidades naquele momento. E foi assim que, por meio das discussões e da fala de um aluno, surgiu o título deste Trabalho de Conclusão: **E QUEM JÁ NÃO VIVEU ALGUMA COISA QUE APARECE AÍ?**

Senti a necessidade de investigar sobre as possibilidades positivas de transformação que o cinema poderia alcançar dentro da sala de aula. Surgiu então o primeiro questionamento, que norteia este trabalho: de que modo poderiam ocorrer aprendizagens significativas, potencializadas pelo uso do filme na sala de aula? O cinema abriria outros caminhos para as práticas pedagógicas com alunos da EJA? Como?

Em termos empíricos, decidi retornar à escola onde realizei o estágio obrigatório. Meu olhar agora se faz de um modo diferente. Procuo perceber e entender a relação do filme com a educação em outra perspectiva, mais no papel de uma observadora e pesquisadora, tentando entrelaçar esse recurso pedagógico às necessidades, observações e realidade daquela turma. Frente a isso, utilizo como metodologia do presente trabalho a abordagem qualitativa.

Propus-me a realizar três encontros com 14 alunos, entre 18 e 49 anos de idade, de uma turma de séries iniciais, mais especificamente T3, em uma escola Municipal de Porto Alegre. Destaco que a maioria dos alunos da turma são homens. Os alunos, em sua grande maioria são trabalhadores do comércio, vigilância e serviços gerais.

Neste texto, trato do tema das imagens, memórias, reconhecimentos e aprendizagens significativas, a partir dos registros dos encontros e de uma fundamentação teórica que oriente as discussões sobre as possibilidades e potencialidades do cinema na educação.

No primeiro capítulo, faço uma breve introdução, apresentando o objetivo principal e as motivações que me levaram a tratar desta temática. No segundo capítulo, faço uma explanação sobre os sujeitos da turma pesquisada de Educação de Jovens e Adultos, bem como sobre suas aprendizagens significativas, expondo minhas ideias entrelaçadas aos conceitos de alguns teóricos, ao tratar de imagem, memória e reconhecimento. No capítulo três, aponto os caminhos metodológicos da pesquisa. No capítulo quatro, retrato a experiência de investigação sobre as narrativas dos alunos e as reflexões e análises das mesmas. No capítulo cinco, trato das considerações finais e conclusões acerca do trabalho, deixando abertas outras possibilidades para o tratamento da discussão desenvolvida na pesquisa.

2 CONSTITUINDO A CENA...

Neste capítulo, realizo algumas reflexões, juntamente com as contribuições dos autores e conceitos que uso como referenciais teóricos:

1. Trato das **Aprendizagens Significativas na Educação de Jovens e Adultos** que o cinema pode proporcionar, utilizando como referencial teórico Marta Kohl Oliveira (1999); Miguel González Arroyo (2005, 2006); Paulo Freire (1991); Maria Carmem Silveira Barbosa (2015); Roseli Pereira Silva (2007).

2. Costuro, então, reflexões sobre **Possibilidades de Reconhecimento**, apoiando-me em Elizeu Clementino Souza (2006); Zygmunt Bauman (2005).

3. Ao falar de **Memória**, apoio-me teoricamente em Ecléa Bosi (2012); Eliane Righi de Andrade (2010); Henri Bergson (1990).

4. Quanto ao tema das **Imagens**, baseio-me nos trabalhos de Fabiana Amorim Marcello (2008); Ismail Xavier (1988, 2008); Rosa Maria Bueno Fischer (2014); Kerry Freedman (2006); Cezar Migliorin (2014).

2.1 CINEMA E EDUCAÇÃO: APRENDIZAGENS SIGNIFICATIVAS

O aluno da Educação de Jovens e Adultos traz consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre as outras pessoas. (OLIVEIRA, 1999, p. 60).

Frente às ideias de Oliveira (1999), o aluno da Educação de Jovens e Adultos se diferencia de diferentes formas dos estudantes que puderam fazer sua formação dentro dos padrões e tempos normalmente previstos: têm características particulares, seja por sua trajetória de vida, seja por suas experiências ou pelos inúmeros conhecimentos que traz em sua bagagem de vida. Dessa maneira, para pensar no processo de ensino e aprendizagem do aluno da EJA, precisamos priorizar tais especificidades, propiciando-lhes prioritariamente a interação, a reflexão e a troca de saberes. Os alunos da EJA voltam à escola ou chegam a ela pela primeira vez, depois de muitos anos, já adultos ou idosos, com uma considerável história de vida; na maioria dos casos, a responsabilidade pela família, filhos e emprego muitas vezes sobrepõe-se ao desejo de ir à escola, o que constitui, em geral, as maiores dificuldades para que eles permaneçam estudando. Voltar à escola para esses sujeitos pode ter muitos significados: pode ser a chance de melhores condições de vida, pode ser também uma maneira de ajudar a família, pode ser a busca de um local onde esse sujeito se sinta pertencente à sociedade – um lugar em que ele será acolhido, ouvido e respeitado.

Conforme Arroyo (2006, p. 35), “[...] os jovens e adultos acumularam em suas trajetórias saberes, questionamentos, significados. Uma proposta pedagógica de EJA deverá dialogar com esses saberes.” Face a isto, considero que a escola também deve estar preparada para receber alunos que chegam à escola com uma expectativa de realizações nem sempre atendidas, o que muitas vezes acaba em desistência e desmotivação. Por isso, pensar na educação dentro da sala de aula, partindo das vivências ocorridas nas trajetórias de vidas, para além dos muros da escola, é pensar em uma educação libertadora, crítica e reflexiva, que valoriza os saberes particulares, de cada um. Sobre isso, Arroyo (2005, p. 35) afirma que “[...] se deve partir dos saberes, conhecimentos, interrogações e significados que os alunos da educação de jovens e adultos aprenderam em suas trajetórias de vida, se pautando pelo diálogo entre os saberes escolares e os saberes sociais.”

Ao tratar diretamente do conceito de aprendizagem significativa, Ausubel (1973) explica que esse é o processo pelo qual um novo conhecimento se relaciona de maneira não arbitrária e não literal à estrutura cognitiva do estudante, de modo que o conhecimento prévio do educando interage, de forma significativa, com o novo conhecimento que lhe é apresentado, provocando mudanças em sua estrutura cognitiva. Entende-se também que a aprendizagem significativa teorizada por Ausubel (1973) poderia ser pensada como formas “organizadoras” das experiências desses alunos, agindo como elemento ativador ou estimulador das aprendizagens do aluno. Frente a isso, podemos utilizar como organizadores diversos recursos, entre eles o cinema.

Portanto, partindo das aprendizagens significativas de Ausubel (1973) e das reflexões realizadas até o presente momento, penso na valorização das experiências e dos saberes dos alunos e na utilização do diálogo e mediação, para tornar a aprendizagem significativa. Também analiso a realidade atual e as mudanças que vêm ocorrendo na educação e, mais amplamente, na vida de todos nós. Talvez, como muitos estudiosos da área já têm afirmado, seja importante abrir as possibilidades de trabalho com os alunos, de modo a darmos conta das expectativas desses sujeitos em constante transformação e aprendizado. Penso que, mais do que oportunizar a alfabetização ao aluno da Educação de Jovens e Adultos, é necessário que aconteça em sala de aula todo um trabalho relacionado à operação de cada um sobre si mesmo, no sentido de uma transformação de si, diante de toda a demanda social, pessoal, política que vivemos. Para Freire (1991), esse processo se dá para além de escrever e ler: é um processo sobre o entendimento mais amplo da realidade: “Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho.” (FREIRE, 1991, p. 22).

Proponho, então, como recurso para potencializar as aprendizagens significativas dos alunos da Educação de jovens e Adultos, a experiência com filmes. Entendo que a narrativa fílmica pode propiciar o estabelecimento de inúmeras relações, de comparações entre passado e presente, real e ficção – convidando o aluno a operar com uma linguagem específica, de modo a ser, efetivamente, um participante ativo desse conhecimento. Conforme Barbosa (2015), em entrevista à Comkids¹, “[...] propiciar momentos de filmes na escola é oferecer a possibilidade de uma educação dos sentidos, da sensibilidade, da emoção e de como estes ‘sentimentos’ podem se transformar em posicionamentos na vida, em conhecimentos teóricos e em ações práticas.”

Penso na importância da exibição de filmes, principalmente para os alunos da EJA, pessoas de diferentes idades, com uma história de vida tão diversificada. Minha experiência de estágio me conduz a pensar que a fruição de narrativas do cinema, para esses sujeitos, seria uma das formas privilegiadas de eles se “enxergarem” e se perceberem nas relações em que estão inseridos, indo inclusive além delas. A ideia é que tal trabalho estará vinculado não a uma proposta de ensino compartimentado, preso a determinadas áreas do conhecimento. Mais do que ensinar matemática e ciências, português e geografia (não deixando de lado esse conhecimento, que acredito ser essencial), me dedico a pensar que a educação, especialmente de Jovens e Adultos, precisa estar fortemente vinculada às experiências vivenciadas por eles e a seus conhecimentos prévios.

Certamente, qualquer filme é carregado de intencionalidades – o que tem relação com a formação cultural, política, ética e social dos sujeitos. Penso que o espaço escolar é o lugar apropriado para propiciar uma formação mais ampla, de maneira dialógica e mediadora, valorizando o que os alunos carregam de suas vivências e transformando isso em aprendizagens significativas.

Parto do pressuposto de que a utilização do filme na sala de aula, como potencializador de aprendizagens mais abertas, poderia acontecer de forma envolvente, até emocionante, provocativa e com infinitas possibilidades. Entendo que a sala de aula poderia tornar-se palco do imaginário, ao mesmo tempo propiciadora de experiências em que o já vivido tenha oportunidade de passar novamente diante de nossos olhos. Nesse sentido, o filme pode trazer essa riqueza, como vemos na descrição a seguir:

¹ Centro Brasileiro de Mídia para Crianças e Adolescentes- iniciativa para a promoção e produção de conteúdos digitais. Disponível em: <<http://comkids.com.br/a-experiencia-do-programa-de-alfabetizacao-audiovisual>>. Acesso em: 3 out. 2015.

A sala fica às escuras. A tela se ilumina. O nosso sonho de olhos abertos está para começar. Mantemo-nos fisicamente presentes, apesar de termos a ilusão de viver numa outra dimensão. O tempo do filme sobrepõe-se ao nosso, já que se trata de um tempo que nunca coincide com o real; é um tempo flexível que pode ser dilatado ou abreviado, dependendo das exigências da narrativa. Nele, o passado e o futuro coexistem com o presente. Tal é a força do cinema. (SILVA, 2007, p 100).

Em outras palavras, a potencialidade fílmica se dá através das relações de vida de cada espectador, o qual busca no passado o seu presente (ou vice-versa) e vai reconstruindo significativas aprendizagens, a partir das reflexões, debates e análises, feitos no grupo maior. A memória, a lembrança e imagem se entrelaçam e voltam por meio das análises fílmicas, tornando possível uma (re)significação de valores, saberes, experiências e conhecimentos dos sujeitos.

Assim, ênfase neste trabalho, o uso do filme na escola como uma potencialidade para criar, pensar, constituir, analisar diferentes questões que dizem respeito às nossas vidas. Aposto na formação ampla dos sujeitos, capazes de se reconhecerem como pessoas “presentes”, atuante no mundo em que vivem, dispostos inclusive a rever o que vivem, a se sentirem desacomodados e fazerem de cada nova aprendizagem algo que os transforma.

2.2 ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS: POSSIBILIDADES DE RECONHECIMENTO

Freire (1989) argumenta que a base da educação está na capacidade que o ser humano tem de refletir sobre si mesmo, percebendo-se como um ser inacabado, que busca sempre aprimorar-se. Partindo deste pressuposto, penso que uma das práticas docentes mais importantes é propiciar espaço e condições para que os alunos possam experimentar essa reflexão sobre si, percebendo-se como seres em construção, mas capazes de assumir-se e reconhecer-se nos espaços sociais, históricos e, culturais.

Se enxergar, se perceber, se reconhecer. Esse processo que reafirma a compreensão do sujeito sobre si mesmo é importante, especialmente na medida em que esse mesmo sujeito de alguma forma seja tocado (ou deixa-se tocar) por objetos ou narrativas que o colocam em contato consigo mesmo e com o mundo. O resgate das histórias de vida proporciona uma auto-formação através das reflexões e melhor compreensão das próprias experiências.

A arte de evocar, narrar e de atribuir sentido às experiências como uma estranheza de si permite ao sujeito interpretar suas recordações em suas dimensões. Primeiro, como uma etapa vinculada à formação a partir da singularidade de cada história de vida e, segundo, como um processo de conhecimento de si que a narrativa favorece. (SOUZA, 2006, p. 62).

Ao se reconhecer no outro, na história, nas imagens (por exemplo, diante de uma narrativa fílmica), o sujeito não somente relembra, saindo momentaneamente do presente e visitando seu passado. Há um movimento mais complexo nesse processo todo; o reconhecimento de si no outro, mesmo que ficcional, constitui uma forma de reelaboração de si e, possivelmente, a criação de um outro olhar sobre as próprias experiências.

Pensar em memórias possibilita a reflexão sobre si mesmo, sobre os próprios desejos e sonhos, também sobre as relações que se tem com a sociedade. Elaborar a si mesmo, a partir do contato com narrativas como as do cinema, tem a ver com um trabalho sobre si, com um exercício de auto-transformação. Conforme afirma Bauman (2005), nossas identidades estão em constante processo transitório – e é disso que falamos quando nos referimos ao contato com narrativas que nos colocam diante do outro – como num filme –, o que significa também colocar-nos diante de nós mesmos, não como sujeitos “fixos”, mas como “possíveis”.

Assumimos identidades que perpassam movimentos dependentes do outro e do que nos é muitas vezes atribuído (como no caso dos vínculos e situações sociais e culturais de nossas vidas). Penso que o aporte das histórias de vida, com base nos relatos fílmicos, pode constituir um reencontro do espectador consigo mesmo, numa temporalidade múltipla – de presente, passado e futuro. Concordo com a afirmação de Thompson (1988, p. 43), ao dizer que: “[...] a história não deve apenas confortar; deve apresentar um desafio, e uma compreensão que ajude no sentido da mudança [...] o que se requer é uma história que leve à ação; não para confirmar, mas para mudar o mundo.” Dessa maneira, o que se espera, a partir do reencontro com esse “eu” que se vê e se reconhece nas narrativas fílmicas, é a construção das associações e o estabelecimento de significados diversos, a partir do que foi experienciado e vivido, o que propicia ao sujeito maneiras de pensar sobre si, como sujeito individual e social, inclusive político.

Tarkovski (1988), em de seu livro *Esculpir o tempo*, fala sobre as experiências de *fazer e dirigir* uma obra cinematográfica, ao mesmo tempo em que busca mostrar as questões que dizem respeito a um determinado momento político ou social. Segundo o autor, o cinema busca mostrar a realidade e a verdade da vida das pessoas; fala-se naquelas narrativas sobre qual o lugar dos sujeitos na sociedade, sobre sua busca de identidade e de autoconhecimento. Conforme Tarkovski (1988, p. 39):

Num sentido muito real, todo indivíduo vivencia por si próprio esse processo, à medida que vai conhecendo a vida, a si mesmo e os seus objetivos. É certo que todas as pessoas usam a soma dos conhecimentos acumulados pela humanidade, mas, mesmo assim, a experiência do autoconhecimento ético e moral representa, para cada um, o único objetivo da vida, e, em termos subjetivos, ela é vivenciada a cada vez como algo novo.

Assim, o autor e diretor trata o cinema como algo que pode mostrar uma verdade desconhecida através de um olhar novo, diferente. O espectador, ao conhecer tal “verdade” sobre si e sobre o outro, através da arte, tem a possibilidade reconstituir vários significados frente ao seu próprio processo de *compreensão*.

Acredito na utilização de filmes como fonte de reconhecimento dos sujeitos e de aspectos de sua identidade – entendendo esse conceito amplamente. Penso que esse processo aconteça a partir da relação que realizamos com as imagens cinematográficas, buscando significados destas por meio de nossa memória. Assim, esse reconhecimento acontece através do ato de enxergar a si, de se reconhecer, se ver (ou não se ver) nas imagens; de qualquer modo, trata-se de estabelecer, com a ficção, uma forma de relação que nos coloca como pertencentes a uma história; isso, por sua vez, abre possibilidade para uma transformação de si e do outro, para atingirmos um certo grau de autonomia, de pensamento crítico sobre nós mesmos e sobre o mundo.

2.3 DE ONDE VEM ESSA MEMÓRIA?

Recordar a própria vida é fundamental para nosso sentimento de identidade; continuar lidando com essa lembrança pode fortalecer, ou recapturar, a autoconfiança. (THOMPSON, 1988, p. 205).

Para falar da relação de cinema na educação, busco a memória como um ponto de partida para entender como esta pode estar ligada com aprendizagens significativas. Para isso, proponho aqui uma ideia de memória como possibilidade de ressignificação de experiências, de um processo das construções das narrativas de si. Para tal, busco nas ideias de alguns teóricos inspirações para refletir sobre como acontecem tais significações de memória.

Andrade (2010) expõe a construção da narrativa como algo ficcional, sendo ela algo da ordem do imaginário. Assim, a autora coloca-nos a pensar nessa narrativa do sujeito a partir da perspectiva dele mesmo, de sua subjetividade. Dessa maneira, o sujeito que nos narra sua história, quando se trata de ensino-aprendizagem, atribui a ela suas experiências, estabelecendo vínculos também com imagens. Segundo a autora, muitas vezes quando um “eu” se assume na narrativa, trata-se de um outro eu, visto em outra temporalidade, pois ao mesmo tempo em se que busca o passado é do presente que saímos. Isso acontece na inter-relação das vivências do passado e presente de quem narra, reconstruindo aqui esse processo de constituição de memória. Sobre isso, Bosi (2012, p. 198) diz que:

O passado reconstruído não é um refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar. Então, a memória deixa de ter aqui um caráter de restauração do passado e passa a ser a memória geradora do futuro: memória social, memória histórica e coletiva. Nós pesquisadores que recolhemos o passado sabemos que ele é um dos mais difíceis e misteriosos dos conceitos. O passado não é uma sucessão de fatos ou camadas que se vai escavando. A memória desconhece a ordem cronológica.

Dessa maneira, quando rememora, o indivíduo utiliza o presente para situar-se; porém, ele fala de um lugar específico. É no entrelaçamento desse lugar, das suas experiências vivenciadas e interpretações, que ocorrem as consolidações relativas aos processos de pertencimento.

Bergson (1990) trata da memória, sem dissociar o passado do presente. Para ele, a partir do momento em que o presente virou passado, o novo presente se entrelaça ao que passou. Assim, o passado nunca deixa de existir, pois ele estará sempre preso no presente. Para Bergson (1990), nosso corpo seria uma espécie de condutor interposto entre os objetos com os quais interage e os próprios objetos sobre os quais age.

Ao falarmos de memória, muitas vezes somos remetidos a pensar em algo que estaria “guardado”, como se houvesse um baú onde se depositam lembranças. Ao contrário, Bergson (1990) nos diz que rememorar seria um processo bem mais amplo, de dar sentido ao que foi vivenciado, de reconstituir dimensões sociais e culturais vividas. Consideradas assim, as memórias nos marcam, e são a nós pertencentes; é como estivessem incorporadas a um só eu. Chamo a atenção para a importância de pensarmos para além de memórias individuais. Qualquer lembrança individual é vivida também a partir de outros olhares e de outros compartilhamentos, assim como afirma Halbwachs (2006, p. 30): “[...] nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos.”

A todo momento, estamos envoltos por pessoas, fatos e relatos. Essa teia de relações (referentes ao que chamamos de grupo social) também tem sua memória, a chamada memória coletiva. Somos aquilo que lembramos como sujeitos, pertencentes a um determinado grupo social e cultural. Dessa maneira, nossa memória individual está também entrelaçada a uma memória coletiva, que dá sentido à reconstrução de nossas identidades, ligadas ao grupo ao qual nos vinculamos. Relembrar então, como afirma Bosi (2001), é um trabalho sobre o tempo, sobre quem sou eu hoje e o que vivi no passado, para refazer, repensar, reconstruir algo de minha vida, com a possibilidade de apontar novos projetos.

Acredito que o “gatilho” para que esse trabalho sobre o tempo aconteça possa surgir das sensações e emoções. Bergson (1990) afirma que os elementos sensório-motores, estimulados de forma voluntária ou involuntária, são os geradores das imagens registradas.

Esses estímulos partem do próprio presente (corpo), em busca de um registro no passado. “É do presente que a lembrança retira o calor que lhe confere a vida.” (BERGSON, 1990, p. 125). Penso que rememorar através de uma narrativa, como a de um filme, pode propiciar um trabalho com os sentidos, com as imagens, com as emoções, com novas formas de linguagem e de “dizer algo”, sobre nós mesmos, o outro, a vida. Defendo a rememoração como possibilidade de (re) construção de sentidos, sendo esse um processo que, baseado nas experiências de vidas, podem possibilitar um melhor conhecimento de si.

2.4 IMAGEM E LEMBRANÇAS...

Nesse processo em que estão em jogo a memória coletiva e a individual, entendo que a relação com a imagem faz com que as memórias sejam reelaboradas, transformadas e, a partir da linguagem fílmica, possamos dar sentido a diferentes situações e questões. Ou seja, penso nas imagens como um desencadeador de emoções, memórias e reflexões. Dessa maneira, algumas perguntas são norteadoras para estabelecer relações entre memória e imagem: A que lembranças as imagens nos remetem? O que rememoramos por meio das imagens? Quais sentimentos e emoções são desencadeados a partir das análises das imagens?

Marcello (2008) aponta que o ato “ver” significa abrir os olhos para aquilo que se perde e aquilo que se ganha. Dessa maneira, trata-se de pensar na capacidade que têm as imagens de nos tocar e de nos desacomodar. Parto do pressuposto de que a imagem deve extrair do espectador sensações que deem sentido à sua realidade; e compartilho com Xavier (1988, p. 369) esta afirmação:

[...] creio que a leitura das imagens jamais pode se dar de maneira imediata ou mesmo linear, já que ela resulta de um processo onde intervêm não só as mediações que estão na esfera do olhar que produz a imagem, mas também aquelas presentes na esfera do olhar que as recebe.

Penso na relação entre imagens, narrativas e histórias de vida do telespectador que “vê” as imagens, deixando-se “ver” por elas, paralelamente. Da relação daquilo que deixamos *ver*. Ocorre aqui uma relação de pertencimento, de se entregar e se enxergar, ao mesmo tempo em que me vejo refletido em minhas histórias.

Los efectos de las imágenes dan forma al concepto que el individuo tiene de sí mismo, e incluso dan forma a la noción de individualismo. El individuo se apropia de características de las representaciones visuales, y las adopta como representaciones de sí mismo. (FREEDMAN, 2006, p. 27).

Penso na potencialidade da imagem cinematográfica como um desencadeador não só de emoções e sentimentos, mas como criação de novas formas de nos colocarmos frente a cenas e questões de caráter estético e ético. Ao mesmo tempo que há ali uma experiência de fruição, há abertura para operações importantes, como as de reconstituições, comparações, elaboração de novas perguntas sobre nós mesmos.

Apoio-me novamente em Bergson (1990), o filósofo acredita que as funções do nosso corpo e suas potencialidades em relação às imagens são extremamente importantes, já que é com nosso corpo que estabelecemos as ações. Bergson (1990) destaca a memória-lembrança, onde surgem as partes compreensíveis das relações com os objetos, identificando as imagens e retomando significados em nossas vidas.

Por ela [imagem-lembrança] se tornaria possível o reconhecimento inteligente, ou melhor, intelectual, de uma percepção já experimentada; nela nos refugiaríamos todas as vezes que remontamos, para buscar aí uma certa imagem, a encosta de nossa vida passada. (BERGSON, 1990, p. 62).

Penso aqui na imagem como multiplicadora ou desencadeadora de outras imagens pois, a partir delas, conseguimos arrebatamos lembranças ou acontecimentos. Penso especificamente naquilo que podemos realizar através de um trabalho com as significações, a partir de experiências já vivenciadas e que podem abrir caminho para novas reconfigurações de nós mesmos.

Penso nas imagens como um motivador onde aquele que a assiste/vê/analisa, receba mais que informações, perceba as sensações de tal acontecimento que ali esteja sendo representado, e dessa maneira consiga realizar uma evocação de memória, relacionando sua realidade pessoal a essa que analisa. Partindo deste pressuposto, entendemos que as imagens cinematográficas nos permitem fazer relações de um mundo que muitas vezes não nos pertence, de um mundo que é do outro. Concordo com Migliorin (2014, p. 102), ao falar sobre a relação entre imagem e realidade “[...] a imagem constrói algo a ser percebido, ao mesmo tempo em que algo se altera nessa percepção.” Na educação, essa perspectiva é importante, a partir do momento em que os alunos-espectadores são tocados, e começam a ter outra perspectiva de sua realidade.

Penso que isso será possível conforme o sentido que cada espectador dá à imagem. Para Fischer (2014, p. 48), “[...] de início, é importante sublinhar: não podemos falar em imagens por si mesmas. Elas existem, no mínimo, na medida em que um espectador tem acesso a elas. O espectador do cinema é alguém que vive experiências de imagens com

imagens”. Os significados são relacionados frente às experiências que cada sujeito vivência e faz sentido a ele, tendo conseqüentemente uma relação com a narrativa e suas histórias.

3 AO PENSAR AS CENAS

Primeiramente, neste capítulo aponto como foi a escolha da proposta metodológica; em seguida, encaminho os leitores aos “passos dados” e às estratégias utilizadas para chegar aos resultados obtidos.

Durante a escrita deste trabalho de conclusão, pensava muito sobre a proposta metodológica, já que o que me motivava era vincular teoria e prática. Com o objetivo principal de mostrar a potencialidade da narrativa fílmica nas aprendizagens dos alunos da Educação de Jovens e Adultos, a proposta metodológica utilizada foi a apreciação de dois filmes, com posterior debate e discussão pelos alunos. Os filmes selecionados foram *Faroeste Caboclo* (SAMPAIO, 2013) e *O contador de Histórias* (VILLAÇA, 2009).

A metodologia insere-se no conjunto de pesquisas chamadas de “qualitativas”. Apoio-me em Minayo (2001) como referencial teórico, ao tratar desse método pesquisa. A escolha por essa estratégia se deu pelo enfoque da interpretação que o método pode alcançar e pela dinâmica das relações sociais envolvidas nesse processo. Conforme Minayo (2001, p. 14), “[...] a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.”

Nesse sentido, entende-se que a pesquisa qualitativa, no presente trabalho, tem como objetivo o levantamento de dados, a partir de discussões e relatos, nascidos e coletados numa situação de exibição e fruição de filmes. Ou seja, houve contato direto do observador-pesquisador com os sujeitos, durante os encontros programados – os quais podem e devem ser pensados sob várias dimensões: histórica, emocional e social, além de pedagógica.

Em outras palavras, acredito que a pesquisa em questão enfatiza a sensibilidade, a interpretação, a emoção, a razão, e as relações sociais, priorizando a discussão e o debate entre os participantes. Participo da pesquisa como observadora participante. Essa estratégia permite que o observador tenha um contato direto com os participantes da entrevista/pesquisa:

A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real. (MINAYO, 2001, p. 60).

Realizei a pesquisa numa escola municipal de Porto Alegre, com uma turma de Educação de Jovens e Adultos. Realizamos três encontros em uma turma de totalidade 03, equivalente às Séries Iniciais do Ensino Fundamental. A turma foi de 14 alunos, a maioria homens. O perfil profissional da turma era bastante variado: fizeram parte do grupo pintores,

vendedoras, vigilantes, diaristas, donas de casa. Havia muitos motivos para que aqueles alunos estivessem ali. Nossos encontros foram poucos, mas o contato que tivemos revelou as intenções, planos e motivações de sujeitos que enxergam no conhecimento escolar a saída para uma transformação e mudança em suas vidas.

Ao apreciarmos os filmes, entendia que deveria atuar como mediadora, de modo a trabalhar com os alunos, propiciando um ambiente para a livre discussão e análise: ali, eles apreciavam um filme e se expressavam, reorganizando para si mesmos uma série de significados, experimentações, olhares e formações. Dessa maneira, como observadora também, tentei ouvir mais que falar, buscando entender os questionamentos que os alunos realizavam e suas argumentações. Ao realizar a exposição de dois filmes que tratam sobre diversos assuntos sociais e históricos, penso que os alunos conseguiram conduzir da discussão a partir de suas experiências. Ressalto que, no decorrer das problematizações e elaborações, neste relato, voltaremos a algumas cenas dos filmes, quando necessário.

Como pesquisadora, busquei a imparcialidade possível e necessária, nos momentos de discussão (mesmo acreditando que não existe jamais uma total neutralidade), sem deixar de ser uma mediadora e instigadora na relação; essa opção se fez no sentido de minimizar a condução do debate, para uma maior liberdade por parte dos alunos. Valorizei e valorizo aqui suas falas e histórias, para que assim neste texto (como na hora do debate com eles) a narrativa fílmica se mostre entrelaçada mais abertamente às narrativas dos sujeitos. Afinal, trata-se de uma atividade, mais do que de pesquisa, de aprendizado e de experiência.

3.1 ESCOLHENDO OS FILMES

Justifico a escolha dos filmes **O Contador de Histórias** e **Faroeste Caboclo**. Penso que, para fazer sentido aos alunos, o filme apreciado deveria tocar, sensibilizar, instigar o espectador. Ao conversar com os alunos, e com a professora titular, pude perceber as características e algumas especificidades da turma.

Ao pensar nos filmes, minha intenção não era a escolha de um repertório *feito em nome dos alunos*, mas *pensado com os alunos*. Outro destaque na escolha dos filmes diz respeito aos assuntos debatidos em aula. Penso que a escola precisa propiciar aos alunos uma “grande visão”. Entendo que, ao propor uma discussão em sala de aula, o professor deveria ter em vista que os alunos também devem ter a possibilidade de ampliar o que conhecem e discutir sobre o novo. No reconhecimento de diferentes situações (como as expostas em filmes), a ideia é trabalhar com os sujeitos da EJA, entre tantas outras coisas, a ressignificação, a formação crítica e ética, a criação e reconstrução do conhecimento.

Assim, os filmes escolhidos mostram as superações do dia a dia e a importância das instituições políticas públicas frente à exclusão social, injustiça, preconceito, histórias de vida, memórias, começos e recomeços...

3.1.1 O Contador de Histórias

O filme *O Contador de Histórias* (VILLAÇA, 2009), é um filme brasileiro e baseado no livro autobiográfico “A arte de construir cidadãos: as 15 lições da pedagogia do amor” (2004), escrito por Roberto Carlos Ramos.

Logo no início das cenas, a narrativa nos leva a crer que esse é apenas mais um dramático filme que descreve a infância marginalizada e a inoperância das políticas públicas, frente a inserção e à recuperação dos cidadãos menos favorecidos. No entanto, o filme difere de vários longas-metragens brasileiros, ao mostrar que um final feliz também pode surgir da invisibilidade.

No filme, Roberto, que é o filho mais novo entre 10 irmãos, é levado pela mãe para a FEBEM (Fundação para o Bem-Estar do Menor), após ela assistir a um comercial na televisão, sobre a entidade. Ao acreditar que assim estaria garantindo um futuro melhor para seu filho, deixa a criança de apenas seis anos na Fundação, e sem despedidas. Na narrativa, o recurso utilizado são mesclas de cenas da realidade do menino com cenas de sua imaginação. Diante de várias fugas, o menino é denominado como irrecuperável, transformando-se em apenas mais uma estatística dentro da instituição. Porém, ao encontrar a pesquisadora francesa Margherit, que estava no Brasil para o desenvolvimento de uma pesquisa, o menino se entrega a uma amizade, que passa por inúmeros desafios e conquistas. Além de ser o estudo de caso da francesa, Roberto acabou despertando em Margherit um sentimento de amor e cuidado.

Depois de um ano de convivência com a pesquisadora, Roberto muda-se para a França e se forma como pedagogo. Ao voltar para o Brasil já adulto, ele retorna à FEBEM, porém na condição de trabalhador. O filme possui muitas imagens significativas sobre *valores, sentimentos, reconhecimento identidade, transformações e superação*.

3.1.2 Faroeste Caboclo

Filme brasileiro lançado no ano de 2013, com direção de René Sampaio, é uma narrativa baseada na música Faroeste Caboclo, da banda Legião Urbana. A história de João de Santo Cristo, o “anti-herói” brasileiro que, durante sua trajetória de vida, passou por muitos desafios e sofrimentos, chegando a um final trágico, ganhou as telas de todo o mundo. João de

Santo Cristo vê a morte de seu pai de perto, por aquele que na verdade deveria defendê-lo. Mais tarde, ele mata o assassino de seu pai. Após acertar-se com o que devia à justiça, sua história mostra que, naquele caso, a ressocialização na situação do falido sistema penal/corretivo não existe.

João de Santo Cristo embarca para Brasília em busca de oportunidades. Trabalha então como marceneiro, profissão essa que aprendeu enquanto se estabelecia no sistema prisional. Em Brasília, conheceu seu primo Pablo, que vendia algumas coisas trazidas da Bolívia. João de Santo Cristo entrou no negócio. Em meio ao tráfico de drogas, o personagem conhece Maria Lucia, pela qual se apaixona; ele vê ali oportunidade de um futuro melhor. O romance é misturado a cenas de racismo e preconceitos bastante fortes. João tenta, mesmo assim, seguir um caminho correto, deixar no passado a vida que lhe fazia mal. Porém, isso se tornou muito difícil para ele. João tinha um inimigo, Jeremias, que o “levou para o inferno” e o fez sofrer. No final, Jeremias o chama para um duelo – durante o qual João de Santo Cristo, o próprio Jeremias e Maria Lucia morrem, lutando para viver. O filme mostra, entre tantas outras coisas, os conflitos nas relações sociais e nas mudanças na vida dos sujeitos, com ênfase nas experiências vivenciadas.

4 ENTRANDO EM AÇÃO

Após três encontros com a turma de Educação de Jovens e Adultos, realizei a transcrição dos dados das discussões com os alunos. Para descrever as discussões, preservo o nome dos alunos e utilizo apenas uma letra inicial para identificá-los. A proposta das transcrições tem o objetivo de mostrar as impressões e resultados produzidos após a apreciação e discussão dos filmes. Os tópicos que conduziram minhas análises das narrativas podem ser sintetizados em: reconhecimento, memória e imagens.

Mas cabe uma observação metodológica. Ao tentar destacar a relevância educativa e formativa do cinema na sala de aula, percebo que os relatos dos alunos trilharam caminhos que foram delineados por questionamentos, hipóteses e histórias de vidas. Na análise dos dados, deparei-me com conceitos que não estavam estabelecidos anteriormente por mim. Face a isso e visando à organização dos dados encontrados, analiso, comparo e formulo novas questões, como as relativas a gênero e preconceito – não previstas por mim antecipadamente. Destaco que não estava elencado *gênero e preconceito*.

No primeiro encontro, com a turma priorizei conversar com os alunos e prepará-los para as aulas seguintes. Também me propus a entender um pouco mais sobre o momento da turma, pois, após algumas mudanças, como avanços e entrada de alunos novos, acredito ser de extrema importância a reflexão sobre *o quê e para quem* estamos planejando. Da mesma forma, a reflexão se faz presente sobre a o que os alunos têm como expectativa, e para que (segundo eles) necessitam *aprender*. Face a isso, Rodrigues (2013, p. 65) afirma que:

[...] parece-me relevante buscar o entendimento do significado que assume para o/a aluno/a relação que se estabelece entre os motivos e a finalidade de sua realização escolar. Os conteúdos que encontram ressonância na vivência do/a aluno/a representam instrumentos úteis para a compreensão de sua prática atual e são relevantes para a revisão e transformação dessa prática.

Nos dois encontros seguintes, realizamos a apreciação de *Um Contador de Histórias* e *Faroeste Caboclo*, respectivamente. Percebi que os alunos tinham a necessidade de falar momentaneamente sobre algumas imagens e também sobre a emoção diante de algumas cenas. Após o filme, abrimos a discussão para as críticas, análises e reflexões. A experiência e a história de vida dos alunos seguiram como plano de fundo para muitas das narrativas, relacionadas a diferentes questões históricas, culturais, sociais, econômicas, que nos envolveram no debate.

4.1 CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS: MEMÓRIA, RECONHECIMENTO, GÊNERO, PRECONCEITO

E se lembrou de quando era uma criança
E de tudo que vivera até ali,
E decidiu entrar de vez naquela dança
“Se a via-crúcis virou circo estou aqui”
(Faroeste Caboclo).

O caminho que a discussão foi seguindo se deu de acordo com as lembranças e comparações que os alunos realizavam. Algumas hipóteses sobre os estudos de cinema e educação se confirmam na prática. Não precisávamos analisar e interpretar as imagens. Eles sentiam e eram tocados por elas. Por meio delas também falavam o que estavam sentindo e entre eles experimentavam a troca de ideias e visões. Durante os encontros, os relatos dos alunos mostravam as recorrentes lembranças de suas histórias de vida. As cenas dos filmes desencadearam lembranças e promoveram discussões sobre o saber “*ver, compreender e avaliar*” (RIVOLTELLA, 2008, p. 246).

Dentre tantas narrativas durante e após a apreciação dos filmes, muitas chamaram a atenção, entre uma coletada exemplifico a discussão sobre a *realidade*:

Quadro 1 - Transcrição de diálogos

V- *Eu me lembro que outra vez tu trouxe um filme pra gente assistir na aula e depois a gente discutiu.*

Eu- *Ah é verdade, foi semestre passado. Vocês gostam de assistir filme aqui na escola? e acham que um filme como esse pode ensinar bastante coisa sobre as nossas vidas?*

I- *Olha, na verdade não precisa de filmes pra conhecer a realidade “natural.” Vamos ali na Vila que eu te mostro como ela é.*

Eu- *Então tu acha que um filme como esse (Faroeste Caboclo) retrata a tua realidade?*

I- *É igual o que acontece aqui. É uma guerra, uma disputa...*

Fonte: Dados da pesquisa

A primeira transcrição do referente trabalho fala sobre a realidade que um filme pode mostrar. Para os alunos, os filmes apreciados retratavam a realidade na qual eles estavam passando no momento. Mesmo que os filmes mostrem ficção e realidade e até fantasias de um menino, para aqueles alunos em especial os filmes tinham um sentido diferente. O filme na verdade retratava a realidade; mas a realidade de quem? Para aquele grupo que estava sendo estudado era possível que se tratasse de “algo real”; mas outros grupos talvez não “cabiam”

naquela “realidade”. Por isso, penso que a utilização de filmes pode nos ajudar a pensar sobre o tema da “busca da verdade”, do que chamamos de “entendimento da realidade”. Como já explicitado no capítulo II deste texto, conhecer a “verdade” sobre si e sobre o outro, através da arte, pode significar uma etapa relevante no que diz respeito ao próprio processo de *compreensão* de si e do mundo.

A partir da busca de suas memórias, os alunos realizaram uma análise sobre a vida do personagem Roberto, de *O Contador de Histórias*, quando ainda criança. Analisando e debatendo, dois alunos chegam a conclusões diferentes. Acredito que isso tenha acontecido devido às diferentes experiências desses alunos.

Quadro 2 - Transcrição de diálogos

<p><i>V - Ele é assim por tudo que ele passou!</i></p> <p><i>D - Fui criado no meio de um monte de mau exemplo...[...] já tive revolver na minha mão e nem por isso virei marginal. Tem que ter cabeça boa.</i></p> <p><i>Eu - Mas olha só, será que uma criança que passa por dificuldades não deve ser assistida em algum lugar?</i></p> <p><i>V - Mas que lugar? Tem que entregar pra polícia mesmo!</i></p> <p><i>Eu - Mas existe o Conselho Tutelar, por exemplo, que pode ajudar nos casos de crianças que estão na rua ou marginalidade.</i></p> <p><i>V - Não. O conselho tutelar não funciona mesmo. Essas coisas aí só inventam que o cara bate na criança. Eu tive que ir no conselho porque tentei dar educação pros meus gurus. Se a gente não educa aí que vira bandido.</i></p>
--

Fonte: Dados da pesquisa

As atividades promovidas pelo debate propiciam a difusão de diversas formas de se pensar e compreender o mundo. Nessa situação específica, podemos nos remeter a narrativas de si, entrelaçadas à compreensão cultural das identidades dos alunos. Ao falar sobre as narrativas de si, Josso (2007, p. 420) afirma que:

[...] abordar o conhecimento de si mesmo pelo viés das transformações do ser – sujeito vivente e conhecente no tempo de uma vida, através das atividades dos contextos de vida, dos encontros, acontecimentos de sua vida pessoal e social e das situações que ele considera *formadoras e muitas vezes fundadoras*, é conceber a construção da identidade, ponta do *iceberg* da existencialidade, como um conjunto complexo de componentes.

Diante disso, podemos dizer que, ao narrar suas experiências, o sujeito vê acionada nele a possibilidade de construção e desconstrução de seus valores éticos, estéticos e críticos. Penso que dessa maneira a prática de assistir a filmes na sala de aula perpassa todo o modo de “exibição”, o qual consiste não apenas em “ver” algo, acompanhar uma narrativa, mas especialmente “ver-se” de alguma forma ali representado (ou “apresentado”).

Quando aparece a cena de João de Santo Cristo em *Faroeste Caboclo*, no quintal de sua casa (na sua cidade natal), retratando-se a pobreza e as dificuldades daquele lugar, e ele ajudando o pai a puxar com um balde água do poço, os alunos começam a lembrar de sua infância:

Quadro 3 - Transcrição de diálogos

<p><i>P - O professora é bem assim mesmo lá no Nordeste eu já fui lá.</i></p> <p><i>Eu – Ah é, tu já foi? Já faz tempo?</i></p> <p><i>P - Sim, tenho parente lá. A gente até ia morar lá mas é ruim que nem mostra aí.</i></p> <p><i>D - Eu me lembrei de quando era criança...Lá pra fora a gente só tomava água de poço. Eu pegava assim também de balde.</i></p> <p><i>V - Bah e não era que nem hoje né cara, que falta toda hora...</i></p> <p><i>D - Não. E a gente tinha que ir pegar cedo por que não tinha luz a noite e não podia ficar sem.</i></p>
--

Fonte: Dados da pesquisa

O aluno “D”, ao lembrar que quando criança somente buscava água no poço, mostrou, na expressão facial e com um “olhar ao longe”, estar rememorando vários momentos. Algumas cenas do filme despertaram nos alunos a lembrança de detalhes da infância. As imagens remeteram a turma a acontecimentos bons e ruins, de modo que eles ali estabeleciam diferentes relações entre o passado e o presente. Ao pensar sobre suas infâncias, os alunos puderam falar também sobre *quem* são hoje. No próprio diálogo que se seguiu, os alunos lembraram das mudanças ocorridas em suas vidas, devido às trajetórias de vida de cada um. Acredito que esse momento seja importante para (re)criação e (re)constituição do olhar, para a percepção, transformação e motivações a partir do que foi vivido e o que foi escolhido/ou seguido.

Quando os alunos foram instigados a pensar sobre as mudanças na trajetória de vida do personagem principal do filme *O Contador de Histórias*, novamente surgiram *diferentes opiniões*. Essa é uma observação que faço ao defender o uso do filme como potencializador das aprendizagens significativas dos alunos da EJA. Acredito que tal prática propicia aos

alunos diferentes maneiras de enxergar o “desconhecido”, confrontando e problematizando aquilo que “incomoda”:

Quadro 4 - Transcrição de diálogos

<p><i>R - Se a pessoa quiser ela consegue evoluir. Tudo depende!</i></p> <p><i>D - Eu achei que não ia conseguir aprender nada ano passado, mas coloquei isso na minha cabeça e avancei.</i></p> <p><i>E - Tem gente que acha que as coisas tão boas e não precisa mudar, aí fica como tá.</i></p> <p><i>Eu - Mas se a pessoa não sabe que tem o outro lado, não conhece o novo, como ela vai saber se quer mudar?</i></p> <p><i>E - Todo mundo sabe quando é hora de mudar, quando tá bom e quando não tá bom.</i></p>
--

Fonte: Dados da pesquisa

Ressalto que, na discussão, as experiências vivenciadas apareceram novamente contrapondo uma relação entre vida “real” e narrativa fílmica. Podemos voltar nesse ponto a falar da importância do reconhecimento de nossa história a partir do outro – e esse outro pode estar ali, num filme; e é a partir desse outro que pode ser constituído um novo olhar em relação às próprias experiências.

Perceber que a experiência é produzida por uma vivência que escolhemos ou aceitamos como fonte de aprendizagem particular ou formação de vida. Isto significa que temos de fazer um trabalho de reflexões sobre o que foi vivenciado e nomear o que foi aprendido. Todas as experiências são vivências, mas nem todas as vivências tornam-se experiências [...] (JOSSO, 2008, p. 137).

Frente às falas de Josso (2008), penso na importância do exercício do pensamento, na transformação que pode ter no processo de aprendizagem dos alunos. Isso envolve, além de questões históricas, sociológicas e culturais, a respeito as áreas do currículo, as operações do sujeito sobre si mesmo.

Diante das falas dos alunos, após a apreciação dos filmes, ficou clara para mim a íntima relação entre o audiovisual, as experiências e a memória. O processo formativo, nesse caso, está relacionado ao que algo novo (como a apreciação de um filme) pode trazer para os alunos. Fica claro, também, o papel da escola como lugar de possível e necessária reinvenção (do professor, dos alunos).

Lembro que os alunos estavam intrigados com a cena do filme de *O Contador de Histórias*, em que o personagem Roberto (ainda criança e na FEBEM) narra para a pesquisadora que foi a primeira vez para a Fundação devido a um assalto de banco. Neste momento do filme, aparecem as cenas fantasiosas sobre um roubo ao banco – nelas, Roberto e toda sua família são os protagonistas. Na verdade, essa seria mais uma maneira que o menino utilizava para “aceitar” a realidade. Diante disso, alguns relatos foram coletados juntamente com os alunos:

Quadro 5 - Transcrição de diálogos

J - Eu não entendi aquela cena que ele roubou o banco?

Eu - O que vocês acham que aconteceu naquela cena? Por que ele narrou aquela cena para a Margherit?

V - Ai era mentira só para se achar o bom...Ele era bom em contar histórias.

A - Ah...Tem tanta história de gente que mata, rouba e acaba bem. Vai para a igreja.

A - Eu não entendo porque tem cara que mata e rouba e não preso!?

A - Mas na igreja tu conta sobre tua história, fala o que tu passou e ajuda os outros.Pelo menos é assim que me sinto.

Fonte: Dados da pesquisa

Nessa discussão, ao falarem sobre a cena do filme, outras trocas acabaram sendo realizadas. A discussão sobre o tema da religião surgiu após questionamentos e hipóteses sobre uma imagem de roubo. Para uma aluna, a imagem remeteu a algo que lembrou a igreja, também o tema da ressocialização. Para o outro aluno, o “certo” seria a punição. Os alunos entraram em uma discussão sobre o que seria a punição: se a cadeia era ou não o melhor lugar para melhorar a pessoa, ressocializá-la. Nesse mesmo momento, outras opiniões surgiram, com enfoques diferentes, desencadeadas pela mesma imagem. Lembro aqui as palavras de Xavier (1988, p. 37):

Na ficção cinematográfica, junto com a câmera, estou em toda parte e em nenhum lugar; em todos os cantos, ao lado das personagens, mas sem preencher espaço, sem ter presença reconhecida. Em suma, o olhar do cinema é um olhar sem corpo. Por isso mesmo ubíquo, onividente. Identificado com esse olhar, eu espectador tenho o prazer do olhar que não está situado, não está ancorado vejo muito mais e melhor.

Tal afirmação me leva a crer que tão importante quanto uma discussão sobre as cenas e imagens é a valorização dos questionamentos e problematizações. Penso que o filme não deve ser minuciosamente analisado, a fim de se saber cada detalhe. A importância do

momento de apreciação se dará pelos significados que cada espectador capta e valoriza. Sobre isso, Fischer e Marcello (2011, p. 510, grifo do autor) ressaltam que:

[...] precisamos enfrentar a total impossibilidade de uma imagem efetivamente *representar algo*. Isso tem a ver com um olhar sobre (e em direção a) o cinema, um olhar que não busca, naquelas narrativas, o encontro com falsas ou verdadeiras imagens, mas que, antes, aceita olhar aquilo que é exposto naquela cena, naquela história, naquele movimento, naquele gesto, naquele cenário— aquilo que, embora pensado e planejado por alguém.

Novamente as experiências, o ato de reconhecimento e a ação de pensar sobre si mesmo aparecem na discussão do filme. Ao questioná-los sobre a frase que aparece no filme *Faroeste Caboclo* – “Tem coisa que a gente escolhe e tem coisa que escolhe a gente” –, os alunos refletiram sobre as escolhas, sobre como são as experiências nas nossas vidas:

Quadro 6 - Transcrição de diálogos

Eu - Tem coisa que a gente escolhe e tem coisa que escolhe a gente...O que vocês pensam sobre isso?

I - As coisas são predestinadas prâ gente.

D - A gente cumpre uma missão aqui, e não tem como mudar

Eu - Mas será que o João escolheu aquela vida? Será que ele teve opções?

P - Teve sim, podia ser marceneiro.

I - Mas aí não adiantava mais, a polícia já estava atrás dele.

Eu - Mas diferente do João, será que não temos uma nova chance de escolher outras “coisas”?

V - Depende. Às vezes a gente até tenta mas não consegue porque é muita coisa pra fazer.

Fonte: Dados da pesquisa

Percebo a diferença de opinião na discussão em relação aos dois filmes. Nesse diálogo, alguns alunos argumentaram que as coisas já são predestinadas e que não adianta tentar mudar. Ao mesmo tempo, outro aluno diz até tentar (outras opções), mas não conseguir. Na discussão sobre *O Contador de Histórias* (quadro 03), a afirmação é contrária. O que despertou nos alunos foi a sensação de que *quando se quer se pode mudar*.

Durante uma cena do filme *O Contador de Histórias*, Ronaldo entra correndo na casa de Margherit e tranca-se no banheiro. Ali, naquela peça da casa, o menino fica durante uma noite e um dia. Na manhã seguinte, ao escovar os dentes, a pesquisadora utiliza a pia da cozinha para fazê-lo. Neste momento, um aluno questiona sobre o fato, trazendo-me pistas de

como a turma conduz a discussão sobre *gênero*. A partir disso, outros alunos falam sobre suas hipóteses. Os dados coletados são:

Quadro 7 - Transcrição de diálogos

G - Como ela tá escovando os dentes na cozinha? Será que ele alcançou a escova pra ela?

D - É mesmo, ele deve ter dado a escova na porta...

E - Claro que não, ela deve ter uma escova na bolsa, ela é mulher!

Eu - E por que será que ela carrega a escova na bolsa?

E - Ah, porque é assim, no trabalho depois do almoço a gente não vai aparecer na frente do chefe com os dentes sujos.

Eu - E será que os homens também não carregam a escova?

E - Ah não, eles não usam essas coisas...

Eu - E vocês acham possível que os homens e mulheres possam fazer coisas iguais, como carregar uma pequena bolsa com a escova de dente?

D - Não, não. Homem e mulher é diferente, não adianta.

E- Homem não vai fazer isso!

Fonte: Dados da pesquisa

Problematizar com os alunos as questões que destacam principalmente situações do cotidiano fazia mais sentido a eles, pois permitia a eles participarem e serem protagonistas, “encarando” tais situações. Em nenhum momento a ideia era discutir sobre determinado assunto em específico, como esse (de gênero). Isso aconteceu quando uma aluna afirmou “*que estava dentro da bolsa, pois ela era mulher.*” Diante desse fato, o tema das relações de gênero trouxe novas discussões em sala de aula. Percebi que para eles se tratava de algo “normal” – mas é um tema que se mostra aberto a necessárias e novas discussões, justamente por ser visto como “natural”. Ao perguntar para os alunos se homens não carregavam as escovas, vi-me diante de respostas em que a marca da diferenciação do lugar feminino e masculino ficava muito evidente – com todas as consequências dessa separação e dos preconceitos criados a partir dela.

Quadro 8 - Transcrição de diálogos

<p><i>I - Ah não, mas mulher é tudo igual mesmo...</i></p> <p><i>V - Não acredito que ela vai trair o cara. O cara preso e ela vai pra festa.</i></p> <p><i>I - É assim, eu digo que mulher gosta de homem que não presta e reclama depois quando apanha.</i></p> <p><i>Eu - Como assim? Tu acha que mulher gosta de apanhar?</i></p> <p><i>P - Deixa que eu explico: na verdade é assim oh, tem novinha que gosta de conforto e pra ter isso fica com homem que não presta, mas eles são ruins e bate nelas.</i></p> <p><i>Eu - Mas será que elas aceitam isso? E não acontece nada com eles?</i></p> <p><i>P - Ué, elas querem conforto né.</i></p>

Fonte: Dados da pesquisa

No Quadro 5, explicito as falas dos alunos, ao retratarem a situação que eles vivenciam e da qual estão muito próximos, relativa à história do filme *Faroeste Caboclo*. Ao ver as cenas em que Maria Lucia percebe que somente se entregando ao amor de Jeremias poderá salvar João de Santo Cristo, ela se arruma e vai para uma festa atrás do seu futuro marido. Os alunos estavam indignados. Percebi que, para os alunos, a normatização em relação à violência e submissão da mulher é relacionada a uma troca. O que deve ser problematizado neste caso é o senso comum, o “ser normal” para os alunos.

Acredito que essas desconstruções são muito complexas e devem ser problematizadas no dia a dia, oportunizadas pela escola e pelos educadores. Os filmes mostraram cenas que poderiam para qualquer pessoa serem consideradas como algo comum, normal. Porém, para aqueles alunos, tiveram um significado maior, promotor de um diálogo e discussão, com vistas a propiciar no mínimo novas percepções.

Quanto à discussão iniciada pelos alunos sobre gênero, e o espaço do *homem e a mulher*, remeto ao que nos diz Meyer (2008, p. 25):

[...] nós aprendemos a ser homens e mulheres desde o momento em que nascemos até o dia em que morremos e essa aprendizagem se processa em diversas situações sociais, a começar pela família, passando pela escola, pela mídia, pelo grupo de amigos, pelo trabalho, etc. Mas significa mais ainda: como nós nascemos e vivemos em tempos e lugares específicos, gênero reforça a necessidade de se pensar que há muitas formas de sermos mulheres e homens, ao longo do tempo, ou no mesmo tempo histórico, nos diferentes grupos e segmentos sociais.

Acredito que essa discussão contenha muitos significados devido a sua representatividade nas respostas dos alunos e daquela turma em especial. A relação dos

sujeitos com o filme (enfim, do cinema com a educação), para mim, não só é possível, essencial; ela se configura como uma proposta que tem a ver com a expressão de linguagens, intencionalidades, significados, e de representações. Conforme Teixeira (2006, p. 8), “[...] ver filmes, discuti-los, interpretá-los é uma via para ultrapassar as nossas arraigadas posturas etnocêntricas e avaliações preconceituosas, construindo um conhecimento descentrado e escapando às posturas ‘naturalizantes’ do senso comum.”

Penso, então, que se esse processo de desigualdade de gênero aconteça a partir de uma construção pela sociedade no qual estamos inseridos, devemos tratar disso em sala de aula, falar sobre as possibilidades de uma desconstrução de concepções muitas vezes naturalizadas. Como docente, penso que é de nossa responsabilidade, independente do lugar, tempo, espaço em que estamos inseridos, persistir nessa tarefa.

As experiências de quem já passou por certas situações que realmente deixaram marcas aparece nas narrativas de forma clara e espontânea. Foi o que senti ao perguntar aos alunos sobre o sistema prisional do Brasil e a ressocialização, baseada nas cenas do João de Santo Cristo:

Quadro 9 - Transcrição de diálogos

Eu - E quando o João saiu da prisão, nós podemos dizer que ele cumpriu a pena dele e conseguiu se ressocializar? Num quadro geral é assim nosso sistema?

I - Num quadro geral só tu indo lá dentro pra ver como é que funciona.

E - Na tv eu vejo como é!

I - Na tv eles não mostram a parte ruim, não mostram nada. Lá dentro a gente aprende a viver.

Eu - Mas porque tu diz isso?

I - O esquema é assim, tu entra lá e aprende e fica sabendo de um monte de coisa. Quando tu sai é tua obrigação ajudar quem ficou...

Eu- No final do filme João diz: Se eu tivesse feito diferente...

P - Ele não ia está lá!

D - Não tem mais volta, depois que começa é difícil voltar. Tu sabe muita coisa, e se tenta desistir não te deixam.

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 10 - Transcrição de diálogos

V - Professora, tu viu que quando os policiais bateram na casa da guria (Maria Lucia) pra procurar o João eles foram embora quando o pai dela falou que era político?

Eu - Sim...Mas por que vocês acham que aconteceu isso?

I - Ah mas é assim, se tu tem dinheiro tu compra o que e quem tu quer, se tu não tem tu vai preso. Se ele fosse pobre os policiais tinham entrando lá.

P- Se fosse na nossa casa eles iam entrar sem bater...

I - Quem vocês acham que podem ajudar a gente? a policia é que não. Se abordarem eu e o V na rua, vão pegar eu. Eles tem preconceito.

Fonte: Dados da pesquisa

O questionamento sobre o sistema prisional me fez entender algo muito relevante: alguns alunos que estavam ali, naquele espaço de socialização, pertencimento, reconhecimento e mudança, almejavam exatamente isso. Porém, para eles o sistema é falho. Tentar compreender a situação de quem passa todos os dias lutando para que a mudança aconteça fica mais fácil quando se vê a vivo. A partir dos relatos dos alunos, percebo que para eles, aquele que deveria os defender não cumpre seu papel. Para eles, quem tem dinheiro é o único que pode ter uma perspectiva de vida.

Percebi que as problematizações baseadas no filme desencadearam novos pensamentos sobre as experiências/vivências daqueles alunos. A fala do aluno “**D - Não tem mais volta, depois que começa é difícil voltar. Tu sabe muita coisa, e se tenta desistir não te deixam**” aparenta o aprisionamento de um caminho sem volta; parece que, muitas vezes, não lhes é dada mesmo a chance de escolha. Na discussão também apareceram elementos relativos ao indivíduo estigmatizado e ao preconceito, considerando-se uma determinada classe social. Destaco novamente que as leituras das imagens possibilitam conhecer e entender aquilo que não está tão à mostra ou tão explícito. Tais imagens têm um significado especial para aquele que as recebe e que as olha, deixando-se da mesma forma ser olhado.

Nas discussões disparadas pelos filmes se tornaram visíveis as experiências sociais daqueles alunos. Percebi o quanto os alunos se sentiram mais à vontade para problematizar questões relativas a suas necessidades e interesses. Então, ao fim das discussões, o aluno “I” resolve falar sobre a desigualdade social, baseado em suas vivências e perspectivas. Porém, realizo algumas intervenções frente aos caminhos da discussão.

Quadro 11 - Transcrição de diálogos

I - Pobre só vive de metido! Pobre aparece como propaganda e rico aparece como vítima no caso de polícia.

Eu - Acho que nós devemos pensar em estratégias e maneiras de mudar...

I - Acho que na verdade tenho que ficar quieto no meu canto.

Eu - Na verdade nós não podemos nos acomodar com as situações e pensar que rico pode e pobre não pode nada.

I - Mas como? Se o próprio governo vive de guerra com outro...

Eu - Tu não estás acomodado hoje. Tu estás aqui, dentro de uma sala de aula. Se tu não quisesse mudança tu estarias na tua casa. Todos os alunos aqui estão lutando e buscando uma mudança.

I - Ah isso sim, isso eu tô legal.

Eu - E será que se a gente comparar o antes de entrar na escola e o agora, nós não percebemos que houve uma mudança no nosso jeito de olhar as coisas?

P - Sim, algumas coisas a gente entende diferente.

I - Todo dia eu aprendo uma coisa diferente...

Fonte: Dados da pesquisa

Frente às narrativas dos alunos, nesse último diálogo, propus-me a realizar mais intervenções. Percebi que os alunos clamam por mudanças, porém muitos ainda acreditam que ficar em silêncio e sem perspectivas seja o melhor; eles não se reconhecem como transformadores de sua própria história. Porém, ao tentar dizer a eles que a escola é um espaço de transformação e de mudanças, vejo que aquele aluno, na verdade, se percebe assim. Pensando nisto, acredito ser importante destacar que tal reconhecimento aconteceu numa situação em que partimos das narrativas fílmicas, as quais foram discutidas em relação às histórias de vida dos alunos. Então, volto ao primeiro capítulo deste trabalho de conclusão de curso, e escrevo novamente o que Xavier (2008, p. 15) pensa sobre o filme na ação pedagógica “[...] para mim, o cinema que ‘educa’ é o cinema que faz pensar, não só o cinema, mas as mais variadas experiências e questões que coloca em foco.”

A educação transforma, na medida em que alguém, nela, se envolve com motivação, vontade, mudança. Precisamos problematizar com os alunos sobre aquilo que lhes faz falta, os desacomoda, os inquieta. Essa educação precisa propiciar acima de tudo a compreensão de reconhecimento, formação e legitimação social. “O saber não nos torna melhores nem mais felizes. Mas a educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas.” (MORIN, 2002, p. 11).

5 CHEGANDO AO FIM DAS CENAS

Ao terminar o estágio obrigatório realizado no primeiro semestre de 2015, me sentia inquieta. Saliento que essa experiência foi a grande motivadora para a escolha do tema Cinema e Educação, deste TCC. Tal inquietação não passava de questionamentos, que me motivaram a pesquisar sobre o uso do filme na sala de aula e, conseqüentemente, me levaram a investigar de que modo poderiam ocorrer aprendizagens significativas, potencializadas pelo uso do filme na sala de aula. O cinema abriria outros caminhos para as práticas pedagógicas com alunos da EJA? Como?

Minha hipótese era de que o filme poderia ser uma proposta de reflexão e análise crítica da realidade dos alunos, de maneira a propiciar momentos e espaços de formação ética, estética; enfim, de um trabalho sobre si mesmo. (Cabe lembrar aqui que estou ciente de que há tantas outras possibilidades de trabalho com o cinema na escola, por exemplo, relativas à exploração da linguagem específica do cinema. Mas não cheguei a operar com tais elementos, pela exiguidade do tempo com aqueles alunos).

Durante um semestre (2015/2), detive-me a pensar e a sobre as potencialidades do cinema e as aprendizagens dos sujeitos da EJA. Dessa maneira, propus-me a realizar encontros com alunos da EJA, para apreciação de *Faroeste Caboclo* e *O Contador de Histórias*, a fim de confirmar ou não as hipóteses por mim elencadas.

Após as análises das falas dos alunos e a transcrição das mesmas, pude perceber o quanto o cinema propicia elementos para que o aluno possa pensar sobre sua realidade, através das imagens. Ficou evidente, a partir da apreciação dos filmes, que os alunos faziam relações com sua vida, comparada à do outro, lembrando das experiências vivenciadas, confrontando ideias, etc.

Durante a pesquisa, algumas questões relativas a gênero, preconceito e realidade social dos/as estudantes surgiram devido às suas falas. Acredito que as mesmas apareceram pelo sentido que os alunos deram às imagens dos filmes e por suas experiências sociais e culturais. Penso que, todas as reflexões trouxeram para nós, naquele espaço, uma nova forma de ver-se, de olhar o outro e de nos defrontarmos com nossa condição social e humana. Algumas discussões trouxeram lembranças da infância, outras de como aqueles alunos se relacionam em seu meio social-sendo assim, algumas discussões foram mais confortáveis, outras não, porém considero todas bastante necessárias para formulação de nossas reflexões.

No entanto, ao meu ver, considero que as duas das falas mais significativas das análises aparecem em pontos diferentes da discussão. Pondero a importância das mesmas por ser tratar da reinvenção e transformação através de reflexões do mesmo estudante. A primeira

fala, no começo dos relatos, onde o aluno diz: “A realidade natural está na vila”; porém o mesmo aluno afirma que o filme retrata a sua realidade. E a outra fala, bem no final, ocorre quando o aluno se percebe como um agente de transformação. As duas falas mostram que os alunos formulavam suas argumentações e as reconstituíam, ao passo que ouviam e debatiam com os colegas.

Após a fruição dos filmes, os alunos demonstraram que, naquele tempo e espaço, poderiam falar sobre suas angústias, sobre suas verdades, seus medos, suas vontades. Na verdade, o filme na sala de aula propiciou para aqueles alunos um momento em que eles poderiam falar, se expressar, a partir das relações e comparações que realizaram entre os filmes e suas experiências. Realizavam analogias com o passado e utilizavam o filme como motivador para as futuras decisões. Em todos os momentos eram ouvidos.

Frente aos questionamentos sobre as aprendizagens significativas potencializadas pelo uso do filme na sala de aula, acredito ter alcançado meus objetivos. Em nenhum momento levei algo pronto, em nenhum momento os alunos somente ouviram. Todas as discussões realizadas tinham como base as experiências dos alunos, o que acredito ter fortalecido ainda mais seus conhecimentos e ressignificações. Com este trabalho, também compreendo que o cinema pode abrir caminhos para variadas práticas pedagógicas com os alunos da EJA. Penso que o cinema nos possibilita novas formas de pensar: os alunos, ao expressarem suas necessidades, opiniões e desejos, mostraram que se pode pensar *com* eles sobre o próprio planejamento curricular.

De acordo com que foi apresentado neste trabalho, concluo que se faz importante possibilitar aos alunos da EJA momentos para que os mesmos se percebam e reconheçam como agentes de transformação. Ficou evidente que o reconhecimento entrelaçado às narrativas de si podem propiciar aos alunos da EJA um exercício de reflexão e autoconhecimento, possibilitando uma visão crítica da realidade, muitas vezes modificando ou confirmando algumas concepções.

Enxergar o “menino da rua que tem uma chance na vida”, o “João de Santo Cristo” que não consegue mudar sua trajetória e o cenário de disputas mobilizou aqueles alunos a pensar sobre suas experiências e escolhas.

Enfim, ao finalizar este trabalho, concluo com uma fala do filme *Faroeste Caboclo*, confirmando a minha escolha sobre tal proposta. Não sei se escolhi ou fui escolhida; no entanto, ao utilizar o filme com alunos da EJA, também me modifiquei, transformei e me reinventei. “Tem coisa que a gente escolhe e tem coisa que escolhe a gente” (João de Santo Cristo, filme *Faroeste Caboclo* 2013).

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Eliane Righi. A constituição da memória do professor de línguas: imagens que ecoam em seu discurso e sua prática. **Signo**, v. 35, p. 354-368, 2010.
- ARROYO, Miguel González. Educação de Jovens – adultos: um campo de direitos e responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio Soares (Org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- _____. **Educação de Jovens-Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- AUSUBEL, D. P. **Algunos aspectos psicológicos de la estructura del conocimiento**. Buenos Aires: El Ateneo, 1973.
- BARBOSA, Maria Carmem. **A experiência do programa de alfabetização audiovisual**. Porto Alegre, 2015. Entrevista concedida ao Programa Comkids.
- BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória – Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins e Fontes, 1990.
- BOSI, E. Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano. **Dispositiva**, v. 1, n. 2, nov., 2012.
- _____. **Memória e Sociedade-Lembranças de velhos**. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- FAROESTE Caboclo. Produção de René Sampaio. Brasil, 2013. 1 DVD (106 min).
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Cinema e juventude: uma discussão sobre ética das imagens. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 42-51, jan./abr., 2014.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno; MARCELLO, Fabiana de Amorim. Tópicos para pensar a pesquisa em cinema em e educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 505-519, maio/ago., 2011.
- FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.
- _____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREEDMAN, Kerry. **Enseñar la cultura visual: curriculum, estética y la vida social del arte**. Barcelona: Octaedro Ediciones, 2006.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- MARCELLO, Fabiana de Amorim. **Criança e imagem no olhar sem corpo do cinema**. 2008. 214 p. Tese (Doutorado)-Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MEYER, Dagmar Ester. Gênero, sexualidade e currículo. In: MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Salto para o futuro: educação para a igualdade de gênero**. 2008. Disponível em: <http://www.cedei.unir.br/submenu_arquivos/761_1.1_u3_a_educacao_para_igualdade_de_genero.pdf>. Acesso em: 31 out. 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petropolis: Vozes, 2001.

MIGLIORIN, C. Deixem essas crianças em paz: o mafuá e o cinema na escola. In: BARBOSA, M. C.; SANTOS, M. A. (Org.). **Escritos de alfabetização audiovisual**. Porto Alegre: Libretos, 2014. p. 99-107.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

JOSSO, Marie-Christine. As narrativas centradas sobre a formação durante a vida como desvelamento das formas e sentidos múltiplos de uma existencialidade singular-plural. **Revista FAEEBA**, Salvador, v. 17, n. 29, p. 17-30, jan./jun., 2008.

_____. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre, v. 30, n. 3, 2007.

O CONTADOR de histórias. Produção de Luiz Villaça. Brasil, 2009. 1 DVD (100 min).

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, n. 12, 1999.

RIVOLTELLA, P. C. Usare el cinema in scuola. In: ARDIZONE, P.; RIVOLTELLA, P. C. **Media e tecnologie per la didattica**. Milano: V&P, 2008.

RODRIGUES, Maria Bernadete Castro. Organização das ações educativas. In: RODRIGUES, Maria Bernadete Castro; DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost (Org.). **Tópicos Educacionais I**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013. p. 59-67.

SILVA, Roseli Pereira. **Cinema e Educação**. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006.

TARKOVSKI, Andrei. **Esculpir o tempo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TEIXEIRA, I. A. C. **A diversidade cultural vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

THOMPSON, P. **La voz del pasado: historia oral**. Valencia: Alfons el Magnànim, 1988.

XAVIER, I. Cinema: revelação e engano. In: NOVAES, A. (Org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. Um cinema que “educa” é um cinema que (nos) faz pensar. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, 2008.